

Médico do Gama se explica na delegacia



D. Aurea, desmentiu Cláudio Penna e ainda lembrou diálogo com médico...

O primeiro médico a depor na 14ª Delegacia, do Gama, em face da representação apresentada pela família do menor Nilton Gaite da Silva, morto semana passada em consequência de negligência médica no Hospital daquela cidade - satélite, foi o próprio diretor do estabelecimento, Osvaldino Pereira, ontem, que no entanto, com o apoio dos policiais, conseguiu fugir por um local desconhecido, sem ser visto pelos repórteres e fotógrafos. O delegado Roriz, que tomou seu depoimento também não atendeu a imprensa, alegando uma audiência sigilosa.

Enquanto isso, D. Aurea Gaite da Silva, mãe do menor morto, desmentia categoricamente as declarações de Cláudio Pena, presidente da Associação Médica de Brasília, que havia afirmado não ter o médico que atendeu Nilton conhecimento de que se tratava de mordida de um cão hidrófobo. D. Aurea afirmou que "quando eu disse que era mordida de cão raivoso o médico ainda brincou: esse é raivoso mesmo, ia comer todo o menino pelo jeito". Dizendo - se revoltada com as declarações de Cláudio Pena, ela explicou que "meu advogado já tinha me prevenido que a barra ia pesar para o lado mais fraco que é o meu".

REVOLTA

Recordando o dia seis de setembro, quando seu filho foi mordido por um cão

em frente à sua casa, D. Aurea disse que foi atendida por um cirurgião que após ouvir seu depoimento sobre a causa da profunda ferida na perna de Nilton, dizia insistentemente para ela não dizer nada que "eu já sei do que se trata". Em seguida este médico ordenou que ela saísse da sala, por estar grávida e encaminhou o garoto a outro médico. Minutos depois o garoto lhe foi entregue já com os pontos na perna.

"Como podem me acusar de não ter avisado o médico sobre a mordida", indagava D. Aurea bastante revoltada, lembrando que "eu tenho todo cuidado com meus 10 filhos, agora nove, principalmente na doença e na comida", adiantando que "mesmo nos domingos eu fazia faxina pra madame e lavava roupa a semana inteira para não faltar nada pra eles". Ela agora diz que não pode trabalhar muito porque "minha cabeça ainda não voltou ao normal".

NA DELEGACIA

Depois de uma série de frustradas tentativas de avistar - se com o Delegado Roriz, responsável pela tomada de depoimentos, os jornalistas souberam que o depoente era o diretor do Hospital de Base do Gama, Osvaldino Pereira, em última análise o responsável pelo bom ou mau andamento da Pediatria, onde se deu a negligência que causou a morte da criança.

Logo foi impedida a entrada da imprensa naquele estabelecimento policial e informações desencontradas começaram a frutificar. Alguns policiais comentavam que "o Osvaldino é gente boa, ele vai falar com vocês". Perguntados se haveria outra maneira de sair da delegacia que não fosse pela porta da frente todos foram unânimes em afirmar que "de jeito nenhum, podem ficar tranquilos". O tempo ia passando e as conversas ao pé do ouvido entre os policiais ia aumentando, sempre com a mesma negativa em deixar o trânsito livre para a imprensa e reafirmando que "vocês vão vê - lo saindo de branco e por esta porta".

Por volta das 18 horas, um funcionário da Delegacia, com livre acesso a todas as suas dependências, dirigindo - se para casa, informou que Osvaldino já havia se retirado.

Foi solicitada então uma audiência com o Delegado Roriz que mais uma vez negou - se a falar, limitando - se a um seco recado, que não podia atendê - los com a mesma desculpa da audiência sigilosa.

ROTINA

O delegado de plantão, Sílvio, educadamente recebeu os repórteres mas afirmou que o caso estava nas mãos do Delegado Roriz, não poupando, no entanto, críticas ao Hospital do Gama.



... "Quando eu disse que era mordida de cão, ele comentou: 'E Estava com raiva mesmo, hein!'"